

Jorge Pinho – viagem ao mundo da tradução

Mariana Diz Lopes

Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Portugal
marianafdlopesmail.com

Luísa Diz Lopes

Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Portugal
luisa.dizlopesmail.com



O Entrevistado

Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho licenciou-se, em 1988, em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Inglês e Alemão, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), em 1990, na variante de Estudos Portugueses e Ingleses e em 1991 foi Bolseiro do Programa LINGUA, da Comunidade Europeia, na Universidade de Glasgow (Escócia), integrado num projeto internacional de Tradução de Inglês-Português e Português-Inglês. Ainda na FLUP, em 1998, concluiu o Mestrado em Estudos de Tradução e, em 2011, o Doutoramento em Estudos Anglo-Americanos – Tradução, como Bolseiro de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), com a tese “A Tradução para Edição: Viagem ao mundo de tradutores e editores em Portugal (1974-2009)”.

Tradutor e revisor técnico desde 1990, tem trabalhado com diversas empresas nacionais e internacionais, especializando-se em diversas áreas de tradução técnica.

Tradutor para edição desde 1990, tem traduções publicadas nas áreas da Literatura Infantil, História, Ensaio e Ficção.

Docente do Ensino Superior desde 1990-91, é Professor Coordenador do Instituto Superior de Administração e Gestão, exerce também funções na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e é ainda Investigador Integrado do CETAPS e Investigador Colaborador de NIDISAG e InED.

É autor de *O Escritor Invisível* (QuidNovi, 2006), uma obra que retrata a tradução tal como ela é vista pelos tradutores portugueses.

Palavras-chave: *tradução, escrita, autoria, transposição, interpretação*

Traduzir é uma arte, uma ciência e uma técnica que põe à prova a capacidade do tradutor ultrapassar as diversas condicionantes que transpor um livro de uma língua para outro sem o desvirtuar acarreta.

Nesta entrevista, Jorge Pinho abre a porta ao mundo da tradução.

O que é traduzir?

- O ato de traduzir corresponde a um processo de transferência de um enunciado, normalmente escrito, mas que também pode ser oral, de uma língua de partida para uma língua de chegada, e é efetuado por um ou mais tradutores, inserido(s) num contexto sociocultural específico. No caso de ser um enunciado oral, designa-se por interpretação e os que o transferem são denominados intérpretes. Ao longo desta entrevista, por uma questão de simplificação, referir-me-ei à tradução como a transposição de enunciados escritos, deixando de lado as referências à interpretação.

A tradução é uma arte, uma ciência, uma técnica...?

- Na medida em que a reescrita do enunciado de partida implica um conhecimento aprofundado das temáticas e contextos originais, mas também daqueles que temos perante nós na língua e cultura de chegada, não posso deixar de reconhecer a importância do labor científico e técnico. Contudo, a transposição e tentativa de reprodução dos elementos criativos presentes na obra original, remetem-nos muito frequentemente para uma forte associação aos processos de criação artística. Assinale-se, a este propósito, que a consagração do tradutor como coautor da obra traduzida está em Portugal devidamente regulamentada pelo Código de Direitos de Autor e, portanto, a atividade dos tradutores é incluída na categoria dos criadores intelectuais. Não obstante, não se pode deixar de reconhecer que a primeira responsabilidade pelas ideias e pela forma criativa de as apresentar cabe indubitavelmente ao autor, cuja arte vem a permitir, posteriormente, a respetiva re-criação num outro contexto sociocultural.

O título do seu livro² remete para a conceção de tradutor como um escritor invisível. O que o distingue do escritor é só a criatividade/originalidade?

- Na minha opinião e, tal como afirmei na resposta anterior, em grande medida sim. Mas se a criatividade do original e a sua própria existência permitem a re-criação da obra numa outra língua, deve também realçar-se que sem esse trabalho re-criativo do tradutor tal transposição não se verificaria.

Quais são as principais condicionantes no trabalho de um tradutor?

- É uma resposta com muitas cambiantes, mas desde logo devem salientar-se os tempos de execução, que são habitualmente muito curtos, em especial se comparados com o que os autores tiveram para preparar as obras, pois as casas editoras querem sempre as traduções prontas com grande rapidez. Mas também são condicionantes muito importantes (talvez até sejam as mais significativas) as diferenças nas realidades socioculturais, que tantas vezes limitam ou impedem a possibilidade de uma transposição integral das ideias e/ou criações presentes no original sem que se recorra a algum tipo de explicitação ou modificação do texto original. Há ainda outras condicionantes associadas à situação pragmática de encomenda de um trabalho, com incidências e exigências muito particulares sobre a execução dessa tarefa e próprias de cada uma das encomendas.

² *O Escritor Invisível*, editado pela Quidnovi, em 2009

Quais as qualidades de um bom tradutor?

De entre as muitas qualidades que seria necessário possuir, realço como mais importantes as seguintes: um excelente conhecimento da língua, escrita e falada, a partir da qual se está a traduzir; um excelente domínio da língua para a qual se está a traduzir; um excelente conhecimento da temática do enunciado que se está a traduzir; uma forte curiosidade intelectual e interesse pelo aprofundamento sempre e cada vez mais dos conhecimentos relativamente ao mundo que rodeia o tradutor; uma boa capacidade de retenção em memória das vivências e informações recolhidas; e um forte gosto pela receção e produção de textos.

A afirmação de José Saramago, que cita na página onze do seu livro, *O Escritor Invisível*, - “São os autores que fazem as literaturas nacionais, mas são os tradutores que fazem a literatura universal” - alerta para a importância do tradutor na internacionalização de uma obra. Acha que a sociedade tem consciência desse valor? O nosso país é idêntico aos outros no modo como olha para os tradutores?

- De facto essa frase de José Saramago (também ele um tradutor...) — realça o papel inestimável do tradutor para que as obras ultrapassem fronteiras e possam ser reconhecidas em outras línguas e culturas. Contudo, o reconhecimento dos tradutores, particularmente em Portugal, não se faz notar, seja no reconhecimento público desse trabalho, com referências mais alargadas e conhecedoras sobre o desempenho e atuação dos tradutores, seja no reconhecimento privado, porque – e apenas a título de exemplo de um aspeto desconhecido para a maioria das pessoas – os tradutores são extremamente mal remunerados pelo seu trabalho e habitualmente nem sequer recebem direitos pelas obras que traduzem, apesar de isso estar devidamente consagrado na lei. Diga-se que, apesar de esta situação não se verificar em outros países europeus, por exemplo em França, também não é exclusiva de Portugal.

Fez investigação relacionada com a evolução da tradução em Portugal. Como caracteriza essa evolução?

- É uma evolução crescente e que se acentuou e acelerou sobretudo ao longo dos últimos vinte anos, em particular porque o mercado da tradução técnica se desenvolveu enormemente e exige hoje em dias profissionais extremamente competentes nos seus conhecimentos e no uso das ferramentas informáticas mais atualizadas. É uma evolução que se fez notar em especial nas universidades, que tiveram de adaptar os cursos ministrados às novas exigências e também passaram a ter de desenvolver uma investigação de vanguarda, mais virada para necessidades pragmáticas. Mas, infelizmente, é também uma evolução que não foi devidamente acompanhada pela atualização das organizações representativas dos tradutores, nem pela melhoria das condições de retribuição e reconhecimento dos profissionais da tradução. Daí que seja ainda notória a situação de invisibilidade dos tradutores e do seu trabalho.

É habitual haver diálogo entre o tradutor e o autor?

- É algo raro, ainda que fosse desejável que acontecesse com mais frequência. Isso verifica-se umas vezes devido a algum tipo de distanciamento (espácio-temporal), outras vezes porque as casas editoras chamam a si esse papel e excluem o tradutor de tais contactos. Quando tal diálogo acontece, fica sobretudo a ganhar o leitor, porque do diálogo entre autor e tradutor

resulta sempre uma tradução mais próxima das verdadeiras intenções do autor e menos atreita às modificações sugeridas pela interpretação pessoal do tradutor.

Refere no seu livro “O Escritor Invisível” que “a execução de um trabalho de tradução é o resultado de uma teia intrincada de relações”. Que elementos se relacionam e que relações se estabelecem num trabalho de tradução?

- Desde logo é de realçar que existem relações intertextuais da obra original com o respetivo universo linguístico e sociocultural, cuja reprodução na língua de chegada é tantas vezes impossível. Mas também há relações que se desenvolvem a partir do momento em que se verifica a encomenda de um trabalho de tradução, ou as que decorrem da tentativa de conciliar os formatos do original (por exemplo a pontuação, as marcas da linguagem, os aspetos culturais e formais do original) com um formato semelhante na língua de chegada. Acresce que podem verificar-se ainda imposições de ordem editorial, ou até mesmo interferências próprias das vivências e vontade do próprio tradutor. De todas estas relações e necessidades de conciliação, nem sempre convergentes, acaba por resultar um trabalho final moldado por múltiplas interferências.

A tradução pode implicar uma interpretação pessoal de uma obra, o que confere ao tradutor uma enorme responsabilidade e, simultaneamente, muito poder. Como se lida com estes dois fatores?

- Com a enorme responsabilidade de saber que se deve tentar respeitar sempre, e em primeiro lugar, aquelas que, de uma maneira informada, julgamos serem as intenções do autor expressas na obra original, por muito que a nossa interpretação também possa ser manipuladora do resultado final. E com a humildade de sabermos que a criatividade do autor é a razão primeira do nosso trabalho, pois que sem essa criação não estaríamos a concretizar a sua transposição para uma nova língua e cultura.

Um género literário diferente implica uma postura diferente perante a tradução? Em que consiste essa diferença?

- De facto, as distinções mais evidentes na tipologia de textos e a respetiva categorização por géneros implicam características diferentes na receção e, portanto, também no trabalho dos tradutores. Em particular, os textos poéticos talvez sejam os causadores de maiores dificuldades para os tradutores devido às suas características formais e à autoimposta obrigatoriedade de respeitar tais regras rítmicas ou estruturais. Já o texto dramático necessita de uma adaptação ao nível do espaço cénico e da inerente possibilidade da sua representação perante um público, o que significa manter uma atenção extrema a fatores como a audibilidade ou inteligibilidade das falas, que tem de ser ainda complementada pelas atitudes e gestos dos atores. Por fim, o género narrativo parece ser aquele que se mostra mais liberto de constrangimentos formais e cénicos, permitindo-se mais explicitações e esclarecimentos, numa série de concessões facilitadoras ao gosto de cada público, em cada momento de receção. Mas também neste caso os constrangimentos editoriais ou de outra ordem, autoimpostos ou não, podem condicionar de alguma forma o trabalho do tradutor.

Como se processa o trabalho de tradução?

- No caso de uma encomenda de tradução por parte de uma casa editora, inicia-se com um primeiro contacto para aferir do interesse e disponibilidade mútua para a execução do trabalho de tradução. Após uma avaliação prévia do livro a traduzir por parte do tradutor, que implica o aprofundamento de conhecimentos sobre a obra e o autor em causa, é indispensável analisar ainda os requisitos da própria encomenda – prazos, valores fixados para a tradução, solicitações particulares do editor, etc. Caso se chegue a acordo quanto a todas as condições propostas, avança-se para a fase de tradução propriamente dita, com a passagem de excertos consecutivos para a língua portuguesa, e a posterior verificação e revisão contínuas desse trabalho. Ao longo deste processo, é natural que haja conversas com o editor para acertos de pormenor ou para a definição de critérios que inicialmente não tinham sido ajustados. Caso seja possível, podem também acontecer contactos com o autor, seja através do editor, seja diretamente, para esclarecimento de eventuais dúvidas. No final do trabalho executado, e antes do envio para a casa editora, há uma verificação e revisão geral de toda a tradução para evitar gralhas, erros ou como simples forma de respeitar os critérios (gráficos, estilísticos, ou de outra ordem) definidos para toda a obra. Por fim, entrega-se o trabalho à casa editora e aguarda-se a avaliação desta. Se na revisão da obra forem detetadas incorreções ou inadequações, caberá ao tradutor refazê-las e corrigi-las e reenviar novamente a obra após correção. Posteriormente, e depois de concluídas todas as tarefas de revisão, correção e edição gráfica, aguarda-se apenas que a obra seja editada e distribuída.

Como lida o tradutor com a permanente evolução da língua e a sua forte ligação ao contexto de produção?

- É indispensável ao tradutor estar sempre atento e informado sobre a evolução da língua, vendo-se obrigado a respeitar as convenções estipuladas – como por exemplo o Acordo Ortográfico de 1990 – mesmo que com elas não concorde!

Há situações em que o estilo do autor colide com normas da língua de destino? Qual a melhor opção nessa situação: adaptar o original ao diferente código ou respeitar o autor?

- A definição dos critérios a adotar nas situações em que o estilo autoral pode colidir com as normas da língua de chegada normalmente cabe à casa editora, ainda que o tradutor possa dar a sua opinião e sugerir a melhor estratégia a implementar. Nesses casos, por muito que se procure respeitar a ideia original do autor, é preciso termos em conta que o contexto de receção e, em particular, os leitores na língua de chegada, são os alvos da obra, pelo que a adaptação é indispensável para que estes reconheçam e possam descodificar o que lhes é apresentado. A título de exemplo, diria que *Pigmaleão*, de George Bernard Shaw (e que deu origem ao musical *My Fair Lady*, tão conhecido em Portugal na versão do dramaturgo Filipe La Féria), não teria sido adequadamente recebido em língua portuguesa caso tivesse sido mantido o *cockney* londrino que está na origem de muitas expressões da personagem principal. A adaptação a linguajares tradicionais portugueses era inevitável, sob pena de a peça não ser compreendida. O que sucedeu neste caso é típico da realidade editorial portuguesa e até mundial, pelo que é mais frequente o tradutor servir propósitos de adaptação à realidade sociocultural de chegada, do que impor a manutenção integral dos elementos originais.

Qual é o sentimento de ser autor de uma “escrita primeira”, em vez de o ser de uma “escrita segunda”?

- Servindo-me do exemplo de *O Escritor Invisível*, pode dizer-se que sinto esse livro como sendo exclusivamente meu, com todos os defeitos e virtudes que encerra, e depois dos seus leitores. Quanto às obras traduzidas por mim são, em primeiro lugar, da responsabilidade dos respetivos autores, depois minhas e do editor, e depois dos leitores.

Há em mim, definitivamente, a ideia de que essa “escrita segunda”, partiu das ideias de uma outra mente e que as opções primeiras desse outro espírito terão passado em algum momento pelas minhas mãos, ganhando contornos de realidade na língua e cultura de chegada graças à minha intervenção, mas sabendo que não são, de facto, originalmente minhas. Ainda assim, é um prazer enorme saber que as descobri e lhes dei forma em português.

Da extensa lista de autores que traduziu, constam Noam Chomsky, Basil Davidson, Ernest Gellner, Margaret Joan Anstee, Erwin Schrödinger, Mumia Abu-Jamal, Diane Ackerman, Paul Hare, Russell Stannard, Kevin Lynch, Gilbert Herdt, Jesse L. Jackson, Giovanna Borradori, Andy McNab, Ann Bridge, Susan Lowndes, Dan Tapscott, Donovan Bixley, Kitty Kelley ou Sara Maitland. Qual deles mais gostou de traduzir? E qual considera ter sido o maior desafio?

- O livro que mais gostei de traduzir foi *Mandela – O Retrato Autorizado* (de Mike Nicol, edição Quidnovi, 2006), pela enorme dimensão do biografado e pela qualidade gráfica e textual dos testemunhos que constam da obra.

O maior desafio foi *O Livro do Silêncio* (de Sara Maitland, edição Estrela Polar, 2011), devido à viagem por tantos géneros literários que tive de fazer ao longo da tradução, mas também porque a conciliação das minhas perspetivas com as sensações da autora nem sempre foi fácil.